

JA 230

ISSN-0870-1504
0.0.2.3.0
9 770870 150006



Presidente da Ordem dos Arquitectos: João Belo Rodeia **Director:** Ricardo Carvalho **Sub-Director:** José Adrião
Editor Principal: Pedro Cortesão Monteiro **Editora de Projecto:** Joana Vilhena **Projecto gráfico:** Pedro Falcão
Edição de fotografia: Daniel Malhão **Conselho Editorial:** Inês Lobo, Francisco Aires Mateus, Jorge Carvalho, Manuel Aires Mateus, Nuno Grande, Ricardo Bak Gordon, Cláudia Tabora, José Capela **Secretário de Redacção:** Tiago Lança **Colaboraram neste número:** AJLS, Albert Cuchí, Alchemy Architects, André Tavares, Andreas Strauss, Arquiporto Arquitectos, Guedes + de Campos, Daniel Blaufuks, Barbini e Silva Arquitectos, Francisco Ferreira, Francisco Mangado, Pedro Cortesão Monteiro, Promontório, Shakil Rahim e Wilfred Wang



Traduções: Language at Work, Lda **Marketing e Publicidade:** Maria Miguel e Sofia Marques **Revisões:** José Sousa
Tipo de letra: FTF Flama **Impressão:** Gráfica Maiadouro, SA, Rua Padre Luís Campos, 686, Vermoim, Apartado 1006, 4471-909 Maia **Distribuição Comercial:** Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA, Rua de Strasburgo, 26, R/c Dto, 2605-756 Casal de Cambra **Tiragem:** 13400 **Redacção e administração:** Edifício dos Banhos de São Paulo, Travessa do Carvalho, 21/23, 1249-003 Lisboa Tel.+351213241110 Fax+351213241101 // jornalarquitectos@ordemdosarquitectos.pt // www.arquitectos.pt **Depósito legal:** 27.626/89 **ISSN:** 0870-1504 **Registo ICS:** 108.271 (Jornal Arquitectos)
Propriedade: Ordem dos Arquitectos – Centro Editor Livreiro da OA **NIPC:** 500802025

Fotografia da capa e do editorial: Daniel Malhão

O Jornal Arquitectos foi distinguido com o Merit Award na categoria de Magazine Layout nos European Design Awards de 2007. www.ed-awards.com

J A 230

STANDARD

EDITORIAL	2
CRÍTICA	<p>18 Standard Wilfred Wang</p> <p>22 O espírito da série Pedro Cortesão Monteiro</p> <p>28 Vehicles of Desire: casas como carros, circa 1956 Francisco Ferreira</p> <p>36 O elogio da rebarbadeira André Tavares</p> <p>38 Standard máximo Alberto Cuchí</p>
PERSONA	<p>42 Promontório João Luís Ferreira e Paulo Martins Barata conversam com José Adrião e Ricardo Carvalho</p>
DOSSIER	58 Daniel Blaufuks
PROJECTO	<p>66 Fábricas Inapal, Palmela Guedes + de Campos</p> <p>70 Piscinas-tipo, Coruña Francisco Mangado</p> <p>74 Eco-Cabanas Barbini e Silva Arquitectos</p> <p>78 Casas-tipo Weehouse Alchemy Architects</p> <p>82 Casas-tipo Modular System Arquiporto Arquitectos</p> <p>86 Dasparkhotel, Ottensheim, Áustria Andreas Strauss</p> <p>90 Habitacões provisórias de emergência, Nova Iorque AJLS, arquitectos</p>
BIOS	94
ABSTRACTS	96
VÍRUS	97 Shakil Rahim

Todas as nossas actividades, das mais elementares como, habitar, comer, deslocarmo-nos, até às mais complexas, são sustentadas pela existência de produtos-tipo, fabricados ou criados em série, a partir de regras bem definidas e quase sempre com origem em zonas longínquas do seu local de consumo, aplicação ou uso. Contudo esta condição não é recente.

Desde a antiguidade clássica que os processos de standardização foram aplicados com sucesso. No mundo romano a mercantilização e transacção de produtos chegava a todos os lugares do império com grande eficácia, depois do controlo de qualidade no local de origem ter sido efectuado. O transporte obrigou a sistematizar e a regular as dimensões dos produtos e dos seus contentores de um modo não muito diferente do que é a regra hoje em dia.

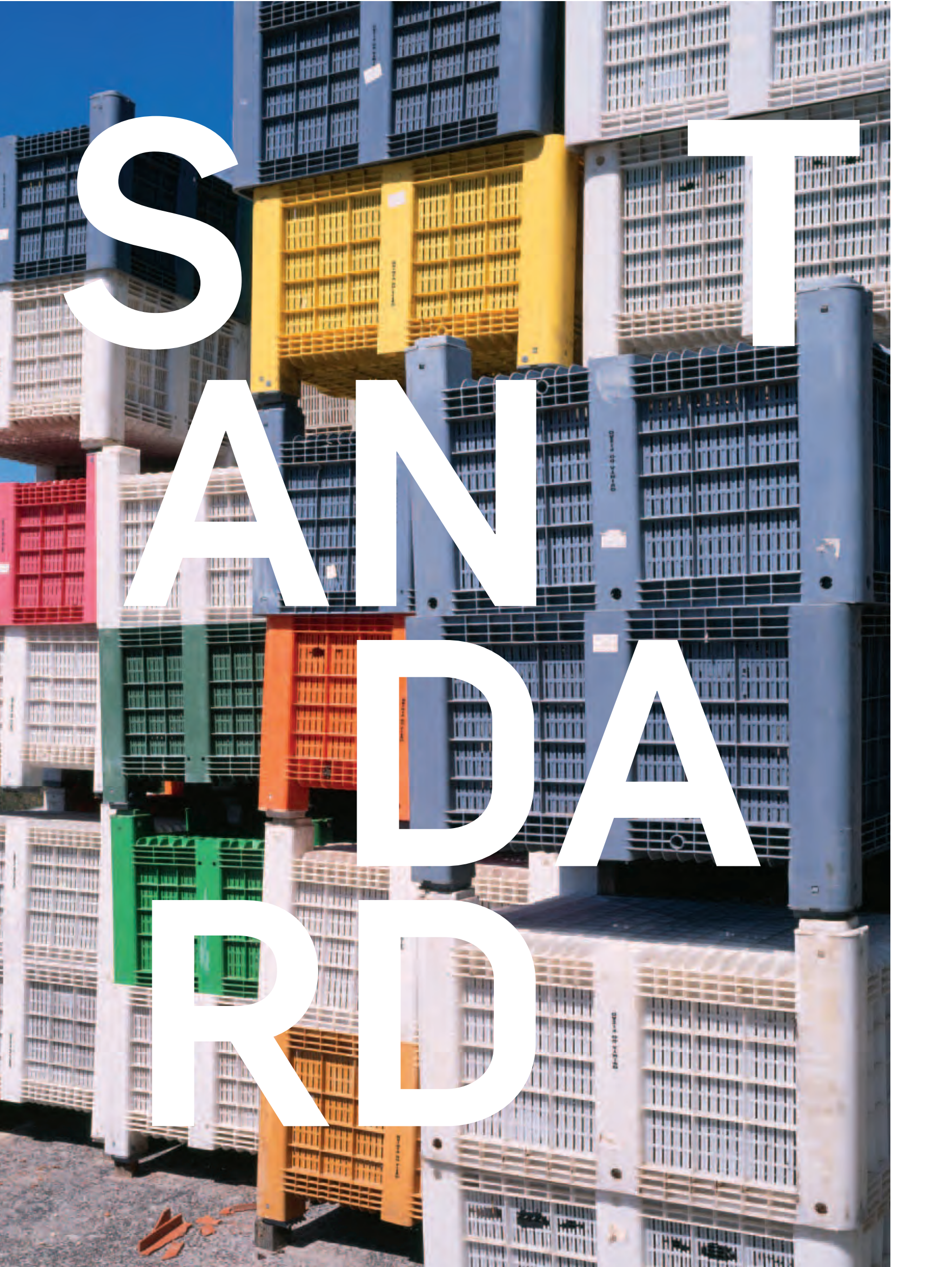
No século XIX o processo de standardização começou a ser sucessivamente alargado à produção de quase todos os bens de consumo. A série e o padrão foram assimilados no mundo ocidental para minimizar custos de fabrico e para permitir uma situação mais vantajosa a todos os intervenientes do processo, inclusivamente o consumidor, ao qual é permitido adquirir a baixo custo um produto de outro modo inalcançável. De modo a simplificar o processo de produção, transporte e percepção, os produtos tornaram-se, entre si, tendencialmente similares. Uma ida a qualquer supermercado comprova-o. Não só o que está para venda mas também o tipo de prateleiras, a dimensão dos corredores, a iluminação, ou mesmo o edifício que tudo contem e que é igual a todos os outros do mesmo grupo.

A Arquitectura oscilou sempre entre um fascínio pelo espírito da série e a impossibilidade de o pôr, de facto, em prática de modo sistemático. Neste JA aborda-se a questão do standard, procurando entender de que modo é que a produção arquitectónica incorpora os sistemas de mercado não deixando de produzir novos significados.

Como adequar a experimentação e consequentemente o desenvolvimento de outras possibilidades de habitar mais sustentáveis, com a construção em série de edifícios habitacionais de T0, T1, T2 e T3, de novos hotéis das cadeias internacionais, de edifícios de escritórios, de unidades industriais, de equipamentos turísticos, de hipermercados e de grandes superfícies comerciais?

José Adrião + Ricardo Carvalho





S A N D A R D